



Voz d'AREGA

MENSÁRIO REGIONALISTA

PREÇO 80\$00

A DESUMANIZAÇÃO DOS NOSSOS DIAS

O Homem vive cada vez mais à superfície do seu Ser.

As pessoas, muitas vezes sem propriamente se aperceberem muito bem, deixam-se levar pelo materialismo, pela ânsia do ter, pela ânsia do somente existir e viver no imediato, no imediatismo e nas sensações.

De facto, o mundo de hoje, tornou-se um espaço amplo cada vez mais repleto de imensas solicitações e de ânsias de imensa melhoria.

Não é fácil encontrar um equilíbrio. Não é nada fácil. Mais!

Vive-se cada vez mais, talvez sobretudo nas grandes cidades, num anonimato, por vezes quase atroz. o Homem vive quase sozinho.

Perde-se quantas vezes a integração, a comunicação, a estabilidade, a comunidade, quer escolar, quer familiar, quer de vizinhança, quer paroquial, etc.

O Homem, e como tal o jovem, o adolescente e a criança vivem ou começam a viver algo distantes, quantas vezes (e com múltiplas e péssimas consequências), dos valores e referências fundamentais do Humano, do Ser, do viver como humano, espírito e corpo.

Por exemplo, a televisão (em conjunto com toda uma série de outros factores), substituiu grande parte do espaço de uma vivência sã, e para uma vivência sã, franca e sadia.

A própria música estereotipada, ou não, quantas vezes contribui também para apagar os poucos momentos que poderiam restar, para um crescer em diálogo.

E assim vivem crianças e crianças, jovens e jovens, adolescentes e adolescentes... Vivem, mas quantas vezes num ambiente não equilibrado, não justo, não comunicativo, não são,... não modelador.

Porque só o Homem pode dar ao Homem o seu espelho e espaço e viveiro de crescimento interior,

do seu SER

e dos verdadeiros valores e da verdadeira Vida

É imperioso fazer uma reflexão. É importante desenvolver o pensamento crítico e algo criativo, o pensamento capaz de dizer NÃO!!

O pensamento capaz de dizer não quantas vezes aos falsos valores que querem, quantas vezes de forma aleatória, nos impingir...

É IMPORTANTE!

É importante apelar para os valores que vão decaindo, mas que são primordiais...

É importante não esquecer, não olvidar, não afastar para sempre.

Dr. Luís Serra Fernandes.

Arega irá ter ambulância?

Este título, tem o leitor muita razão, saiu igualzinho no número anterior, só que sem ponto de interrogação. De facto a ambulância existe, foi doada pelo Sr. Mário Sequeira, é uma Mercedes toda equipada e está em Arega à disposição da Comissão de Melhoramentos, e só não mostramos a fotografia conforme prometemos porque não saiu em boas condições.

O ponto de interrogação prende-se apenas com a possibilidade ou não da concessão de alvará para o seu funcionamento como ambulância.

É que a Portaria 439/93, de 27 de Abril, que regulamenta esta matéria, diz expres-

samente no n.º 6.1.4. do Capítulo II do Regulamento do Transporte de Doentes, que para a concessão de alvará é necessário «Possuir pelo menos duas ambulâncias para assegurar o serviço de permanência», e isso aplica-se a todas as entidades, sejam públicas ou privadas, de solidariedade social ou comerciais.

Esta questão não é inédita, pois há ambulâncias paradas por esse País fora pelos mesmos motivos, solucionando-se nalguns casos o problema através de acordos com os Bombeiros.

Uma batata quente nas «mãos» da Comissão de Melhoramentos.

FESTA No polidesportivo de Arega DE ENCERRAMENTO DOS SÓCIO-EDUCATIVOS/95



O Vereador da Câmara Municipal no uso da palavra, durante o encerramento dos cursos Sócio-Educativos de Figueiró dos Vinhos, no Pavilhão Polivalente de Arega

páginas 4 e 7

O boi que vivia na floresta
Crónica da dr.ª Helena Serra PÁG. 3

PÁG. 4 Regionalização-tema do mês
e 5 Temas de segurança social

Folhetim:
Um grito na noite PÁG. 3, 4, 6 e 7

PÁG. 9 II Guerra - 50 anos depois
e 10 Desporto e lazer

Bênção das fitas em Fátima



No passado dia 27 era este o aspecto da Cova de Iria, onde os estudantes finalista das Universidades de Lisboa acorrem para a bênção das fitas. A porta-bandeira da Faculdade de Direito da "Clássica" foi a nossa colaboradora Elsa Morais Lopes

A PARTIR DESTES NÚMEROS, INCLUSIVE, O NOSSO JORNAL SAIRÁ NOS PRIMEIROS 8 DIAS DO MÊS SEGUINTE ÀQUELE A QUE DIZ RESPEITO

JUNHO — Segundo alguns autores, deriva o nome deste mês de *Juvenibus*, porque era dedicado à mocidade romana. Outra teoria dá-o como derivando do nome da deusa Juno, cujo templo foi consagrado neste mês, e outra ainda diz derivar de Juno Bruto, herói que expulsou os reis de Roma.

Mercúrio era a divindade que tutelava este mês, entre os Romanos.

A sua representação apresenta-se sob a forma de um homem robusto, seminu, num prado (exprimindo assim o início dos calores do Verão), munido de uma foice para cortar o feno, tendo a seus pés um caranguejo, que é o signo do mês (Câncer), e que simboliza o movimento retrógrado e aparente do Sol para a linha de equinócio. Este signo, segundo os Antigos, governa o prito r o estômago.

Na Roma antiga o 1º de Junho era ocasião de

Calendário

J U N H O

D	4	11	18	25
S	5	12	19	26
T	6	13	20	27
Q	7	14	21	28
Q 1	8	F	22	29
S 2	9	16	23	30
S 3	F	17	24	

grandes festejos, que se prolongavam por todo mês, festas essas de que descendem, diz-se, os nossos arraiais dos santos populares.

Alguns rovérbios antigos relativos ao mês de Junho:

- A sardinha de S. João unta o pão.
- Guerra de S. João, paz de todo o ano.
- Galinhas do S. João, pelo Natal poedeiras são.

- Com vento se limpa o trigo e os vícios com castigo.
- Sol de Junho madruga muito.
- Favas, asa primeiras; cetrejas, as últimas.
- Melhor é pão duro que figo de S. João maduro.
- Pelo S. João, faça sol e chuva não.

Fases da lua em Junho:

- Quarto crescente — dia 6. Lua cheia — dia 13.
- Quarto minguante — dia 19. Lua nova — dia 28.

Por quem os sinos tocam movimento paroquial

Óbitos:

Dia 10 Março - José da Silva Rodrigues - 55 anos, do lugar da Castanheira, filho de José Rodrigues e de Florinda da Silva. Faleceu no Hospital do Avelar.

10 de Março - Manuel Simões Lopes - 84 anos, do lugar dos Braçais, filho de António Lopes e de Deolinda da Conceição.

Baptismos:

5 de Março - Ricardo Alexandre Gomes, filho de Alberto da Conceição Gomes e de Maria Helena dos Santos Martins Gomes, do lugar do Brejo. Foram padrinhos Carlos Alberto Batista Silva e Cidália Batista Silva.

1 de Abril - Ricardo José Pires Gomes, filho de José Manuel Furtado Gomes e de Maria Simões Pires Gomes. Foram padrinhos Jorge da Conceição Pires e Florinda Furtado Gomes.

15 de Abril - Maria Borges Dias

dos Reis, filha de José Manuel Reis e de Maria Emília B. Furtado Reis. Foram padrinhos João Manuel Silva Cruz e Aida Borges Furtado Dias.

23 de Abril - Micael Dias Moraes, filho de Mário Moraes C. Dias e de Alice Gomes Dias Moraes, da Venda do Henrique. Foram padrinhos Luís Filipe Freitas Antunes e Isabel Rosa Dias Antunes.

13 de Maio - Leandro Gonçalo de Sousa Antunes, filho de Luís Manuel Silva Antunes e de Natália Maria de Sousa Antunes. Foram padrinhos Armando Manuel Godinho Passos e Regina Maria Ferreira Sousa.

Casamentos:

22 Abril - Maria Filomena Martins Batista Nunes, filha Fernando Batista Antunes e de Alice do Carmo Martins, do lugar da Carreira desta freguesia, com João Luís Dias Nunes, filho de Artur Nunes e de Hermínia da Conceição Nunes, de Pedrógão Grande.

Café e Mini Mercado Manu

Adubos, farinhas,
gás
Mercearias
e seus derivados

Agente de Apostas
Mútuas
Totoloto - Totobola
Joker

GERÊNCIA

Camilo Barata Rodrigues

Telef. 036-34106 - CASTANHEIRA - AREGA
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Proteja e respeite
a Natureza
5 de Junho
Dia Mundial
do Ambiente

MANUEL PIRES TEIXEIRA

MADEIRAS
E
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

TRANSPORTES DE ALUGUER

RAÇÕES PROALIMENTAR

Telef.: (036) 34 209

AREGA
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Divulgue e assine o jornal Voz d'Arega

Preencha este cupão e envie para:
Voz d'Arega — Arega — 3260 Figueiró dos Vinhos.

O jornal ser-lhe-á enviado pelo correio para a morada que for indicada.

Preços mínimos de assinatura:
12 meses — 800\$; 6 meses — 500\$

Cupão de assinatura ou renovação

Desejo ☐ SER ASSINANTE ☐ RENOVAR ASSINATURA do
jornal Voz d'Arega pelo período de meses, para o que envio a quantia
de\$ em cheque/vale de correio, para pagamento da
mesma.

Nome.....

Morada.....

Assinatura.....

O CANTINHO

Gerência de MÁRIO FREITAS

Rua de Furtado dos Santos
(Junto ao quartel da GNR)

CASA
DE
PETISCOS

Telef. (036) 35749

3250 ALVAIÁZERE

LEONEL DA SILVA GOMES

Pintor da construção civil

Telefone (036) 36052
Casalinho de Santa Ana

AREGA
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FERNANDO GRAÇA CARVALHO



EMPREITEIRO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

TELF. 036 - 34181

CASTANHEIRA

AREGA — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESSERP- Escritórios de Serviços e Projectos, Lda.

Contabilidade,
Contencioso e Estudos
Praça Dr. António
José Pimenta, 4 - Sótão
(Junto à Maribel) - Telef. 52313
3260 Figueiró dos Vinhos

OFICINA AUTO DE

João Luís Almeida

ESPECIALIZADO EM VW E AUDI

BAIRRO DA MIMOSA - RUA 8 DE JUNHO, LOTE 25, 84-A
2675 ODIVELAS TELEFONE/FAX: 9377801

Casa das Noivas

De José de Jesus

TECIDOS E PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM,
SENHORA E CRIANÇA
SECÇÃO DE SAPATARIA PARA TODAS AS IDADES
Telef. (036) 36 242 - 3250 CABAÇOS

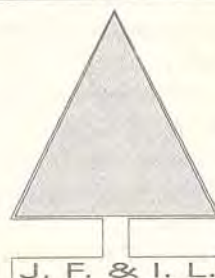
MANUEL TEIXEIRA DA SILVA

ESTUCADOR

TRABALHOS POR ORÇAMENTO

Telef. (036) 34 284

BREJO - AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



José Freitas & Irmãos, Lda.

COMÉRCIO DE MADEIRAS E
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Telef. (036) 34 230

Braçais - Arega - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Crónica da
Dr.ª Helena Serra

VISITA PASCA

Na passada quadra festiva da Páscoa, muitos foram aqueles que se deslocaram das suas terras de residência habitual para outros pontos do País, normalmente para as terras de nascimento, em visita a familiares e amigos e a um mesmo tempo em romagem de saudade e reencontro.

Numa aldeia transmontana, quase na raia de Espanha, vivi uma breve situação muito comum e própria da época, mas tão revestida de autenticidade que me sensibilizou e me fez nascer o interesse em partilhá-la.

A aldeia tem um povoamento aglomerado, as casas situam-se todas próximas, ao longo de duas ruas principais. Os campos espalham-se pelos montes em volta.

Era segunda-feira, dia de visita pascal.

Pela manhã saíram duas Cruzes, uma para o lado norte outra para o lado sul, começando ambas pelos extremos de modo a encontrarem-se no meio da povoação, próximo da igreja.

Todo o tempo que a visita durou os sinos repicaram: eram os jovens da aldeia que se revejavam, de tempos a tempos, nessa tarefa.

Às janelas, às portas, pela rua acima, grupos de pessoas aguardavam a chegada da Cruz.

Na casa, tudo estava a postos: o chão brilhava, havia um cheiro a cera posta de há pouco;

na sala, sobre a mesa, a toalha de linho bordada, os solitários cheios de flores frescas, o crucifixo, as velas acesas.

A família perfilava-se desde a entrada da porta. Daí a pouco a casa encheu-se: eram os amigos e vizinhos que vinham receber connosco a bênção pascal. À chegada a Cruz foi entregue ao chefe da família que a pegou em suas mãos e a deu a beijar a todos os presentes.

A presença amiga de todos, as palavras de paz que foram proferidas, a água benta que nos tocou, a breve oração rezada em comunidade, aquele momento solene e suave, eloquente e singelo, religioso e humano.

Os mais chegados ficaram um pouco mais: provámos o folar e os doces; falámos das nossas vidas; contámos alegrias e tristezas; recordámos os que já partiram. As crianças alegravam todos. O sorriso pairava nos olhos e nos rostos; os corações estavam alegres.

Páscoa tem o significado de Passagem.

Deus passa muitas vezes, nas nossas vidas, por nós.

Naquele dia, na simplicidade e religiosidade daquele acto, naquela forma de estar, naquela capacidade de comunicar, Deus estava a passar entre nós.

Ali aconteceu Visita Pascal.

UM GRITO NA NOITE, NOVELA DE HIGINO PIRES
CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

UM GRITO NA NOITE

9

Chegados ao Barreiro, entraram no barco que os devia conduzir ao Terreiro do Paço. Saíram do barco e foram andando pelas ruas da Baixa em direcção ao Rossio e seguindo sempre entraram na Avenida da Liberdade, onde se sentaram num banco, ela sem saber qual seria o seu futuro, ele já com uma ideia formada do que iria fazer. O Sardinha pouco se demorou sentado, levantou-se e disse à Cristina que se conservasse ali até que ele regressasse. Na sua ausência, enquanto o esperava, assustada, aos seus olhos começaram a aflorar abundantes lágrimas de arrependimento, sem saber qual seria o seu futuro, visto ter já compreendido que dele nada poderia esperar. Chorou, chorou ao lembrar-se da sua casinha, implantada sobre a falésia no Espicho, e a sua mãe? Como teria ela reagido à acção vergonhosa cometida pela filha. O dia estava quase a terminar, o Sardinha chegou visivelmente satisfeito, disse-lhe que o assunto estava resolvido para eles e levantando-se tomaram a direcção da Calçada da Glória, a qual tiveram de subir a pé, por não terem já dinheiro para pagar o elevador.

No topo da calçada entraram no Bairro Alto e foram andando, ela começou a não gostar do sítio mas foi-o acompanhando.

Pararam numa travessa de mau aspecto e ele disse-lhe:

— É aqui!

Cristina olhou-o, não queria acreditar no que via, ele empurrou-a para a porta da escada e no cimo abriu a porta que dava para o interior e de lá saiu um cheiro intolerável, para quem não estivesse acostumado àquele ambiente.

— Entre! — disse-lhe ele.

Ela ofereceu uma pequena resistência, não queria entrar, mas transpôs a porta. Estava no interior de uma casa de prostituição, reles, malcheirosa, a qual denominavam pela «Barbuda». A «Barbuda» foi, em tempos atrás, o antro de prostituição mais asqueroso, mais

malcheiroso, mais ordinário que naquele tempo existia em todo o Bairro Alto, era propriedade de uma autêntica virago, fêmea barbuda que, por odiar a sua condição de mulher repulsa, se vingava a escravizar as infelizes que lhe caíam debaixo dos pés, por sua pouca sorte. O Sardinha, muito conhecido no meio, entrou com a sua naturalidade de frequentador em tempos anteriores, onde foi chefe de várias desgraçadas prostitutas.

A Cristina continuava relutante em avançar e ele, vendo a sua indecisão, voltou atrás e bruscamente puxou-a por um braço, obrigando-a a acompanhá-lo.

Este gesto despertou a atenção de habituados frequentadores ali presentes, mas como estas cenas eram ali corriqueiras, tudo voltou à normalidade. O Sardinha, rebocando a Cristina pelo braço, atravessou a sala e dirigiu-se para o gabinete onde se encontrava a patroa, a mencionada Barbuda. Ali apresentou a sua amante e ela vendo que a apresentada possuía muitos dotes de beleza, farejou ali um bom negócio em perspectiva.

Assim, aproximou-se dela, mirou-a de alto a baixo, como qualquer negociante de gado o faria numa feira, dizendo-lhe em seguida:

— Minha querida, você vai aqui trabalhar junto de nós e havemos de ser muito amigas.

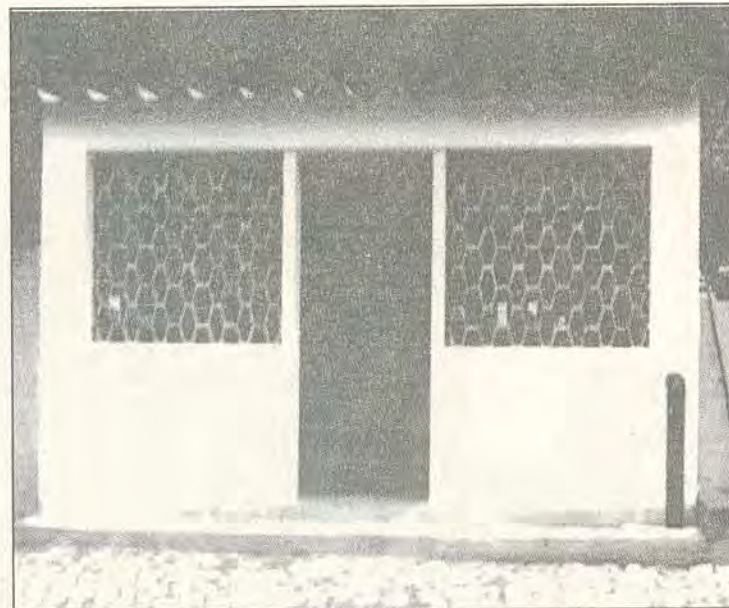
Cristina não compreendeu, de momento, qual o trabalho que a patroa lhe destinava. Efectivamente ela tinha sido vendida pelo amante, para naquele antro de horribes condições higiénicas praticar a prostituição.

Por motivos legais, Cristina tinha de se deslocar à repartição policial emcarregada de efectuar a inscrição das candidatas a prostitutas, a fim de ser, como as outras, sujeita periodicamente ao exame de sanidade.

Ela não sabia a razão porque tinha ido à polícia, julgou que se tratava do recenseamento usual, não tinha conhecimento do acordo que o Sardinha tinha feito com a Barbuda,

OBRAS EM NOTÍCIA

Lavadouro na Ribeira do Brás



Está já concluído na Ribeira do Brás o lavadouro público, cujas obras já vêm do ano passado.

Efectivamente já devíamos ter avançado com esta notícia no último número, mas quando nos chegou ao conhecimento já a edição estava fechada.

Aqui fica a fotografia da obra que certamente os habitantes daquele simpático lugar têm como útil.

Já há tanques para lavar ao abrigo do sol e da chuva, mas o que os ribeirão-brasenses mais ambicionam é ver as torneirinhas da rede pública de abastecimento de água a funcionarem em suas casas. Mais um pouco de paciência, as ambicionadas canalizações lá haverão de chegar.

O BOI QUE VIVIA NA MATA

Parece anedota mas é verdade. Aconteceu ali para os lados dos Braçais numa zona a que chamam Casal de Iria, que já teve em tempos dois moradores mas que agora conta apenas com as casas e com os terrenos quase todos por cultivar, à espera de serem florestados.

Um boi com mais de 300 kg achou que aquele lugar era o ideal para montar arraiais, já que havia pasto com fartura e em caso de mau tempo podia recolher-se aos barracões. Vinha este paquiderme já de uma longa viagem cheia de aventuras e peripécias e por ali se ficou. Fugira juntamente com outros colegas de uma pachorrenta manada lá da outra banda do rio. Mais aventureiro que os companheiros de fuga, que logo foram apanhados, meteu-se à água e atravessou o rio para o lado de cá, embrenhou-se na floresta com receio dos homens, foi subindo, subindo, e no Casal de Iria encontrou o paraíso. Por lá esteve mais de uma semana, espantadíssimo, furtando-se à vista humana, qual boi bravo das histórias do Far-West.

Só que o legítimo dono não estava pelos ajustes. Era uma perda muito grande e por isso foi-lhe seguindo o rasto até o conseguir localizar. Disposto a recuperar o fugitivo que quase há 15 dias lhe desaparecera, organizou uma batida com homens armados, não fosse o boi transformar-se em búfalo feroz.

O pobre animal, vendo-se descoberto no seu paraíso, tratou de dar às de vila diogo, mas com tanto azar que na ânsia de esconder-se enfiou por um balseiro que escondia um poço — outrora precioso para dessedentar os milharais mas agora inútil e abandonado — e vai daí, catrapuz!, lá foi o boi tomar banho.

Depois para o tirar é que foi o cabo dos trabalhos. Conseguiram prendê-lo com uma corda para que não se afogasse e veio então o António Freitas com uma grua de carregar madeira e, depois de muito estrebuchar, o animal lá saiu do seu banho forçado. Dali até à Portela dos Braçais o bicho, furioso, teve de continuar amarrado à grua já que de outra forma ninguém conseguia que andasse.

Resta acrescentar que o ruminante se apresentava em bom estado, mau-grado as quase duas semanas de alvedrio, e mais gordo que quando saíra do redil. Daí se conclui que os pastos do Casal de Iria não se ficam atrás das farinhas de ração.

E já agora, não se admire o caro leitor se um dia destes der de caras com um elefante, ao entrar numa mata.

ENCERRAMENTO DOS SÓCIO-EDUCATIVOS / 95



A Laura Sobreira, coordenadora concelhia, no uso da palavra.

Realizou-se no Pavilhão Gimnodesportivo de AREGA, no passado dia 7 do corrente mês de Maio, a FESTA DE ENCERRAMENTO dos Cursos neste Concelho, onde conviveram os participantes (e seus convidados) dos quatro CURSOS aprovados:

ARTES DECORATIVAS de Figueiró dos Vinhos,

ARTES E PINTURA de Ribeira de Alge,

LAVORES de Almofala.

As alunas do CURSO que se auto-responsabilizou pela preparação e realização do espectáculo apresentado, foram as do CURSO DE COSTURA E BORDADOS DE AREGA, cuja monitora D. MARIA ALICE BORGES FURTADO, foi incansável, não só pela didáctica aplicada às técnicas trabalhadas, mas também, e sobretudo, pelo empenhamento e dinamismo, que teve o inegável mérito de motivar indistintamente todos os intervenientes.

Merece igual destaque a colaboração pronta, amabilidade e solicitude sempre prestadas pelo Sr. PRESIDENTE da JUNTA DE FREGUESIA DE AREGA, seus colaboradores e sua esposa D. ALICE MORAIS, no sentido da concretização de um projecto arrojado e grandioso pela forma genuína e empenhada, na sua apresentação ao público, tendo proporcionado uma tarde alegre e humanamente enriquecedora, a todos os convidados presentes, de entre os quais nos honraram especialmente: Equipa da EXTENSÃO EDUCATIVA, represen-

tando a Sr.ª COORDENADORA DA ÁREA EDUCATIVA de LEIRIA, Sr. VEREADOR DA EDUCAÇÃO, também representando o Sr. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL e Sr.ª DELEGADA ESCOLAR.

As alunas dirigiram também o amável convite aos Srs. Presidentes de Junta de AGUDA e FIGUEIRÓ DOS VINHOS, VEREADOR DA CULTURA e DIRECTOR EXECUTIVO da Escola Secundária, onde decorre o Curso de Artes Decorativas. Por razões pessoais não puderam associar-se a nós, neste dia.

Todos os Cursos integraram a parte Cultural e Recreativa que precedeu o LANHE PARTILHADO, oferecido pelo Cursos de AREGA, tendo-se destacado a actuação do Grupo "casa", com a sua MARCHA, DANÇA e TEATRO, além de canções, quadras e poemas alusivos ao DIA DA MÃE.

O Curso de ALMOFALA, orientado pela monitora D. LÚCIA AUGUSTA ALMEIDA E FREIRE, brindou-nos com uma actuação surpresa: da aluna DULCE MARIA MARQUES AFONSO, que abrilhantou o Baile na hora do Lanche, com música adequada para um "pézinho de dança" dos mais animados e extrovertidos.

Da parte do grupo da RIBEIRA DE ALGE, orientado pelo monitor Sr. JORGE SAN-

TOS, é de salientar a desinibição de todos, especialmente da D. PALMIRA, cuja idade mais avançada nos prestou provas sobre os valores que orientam a filosofia da EXTENSÃO EDUCATIVA: valorização pessoal, social e humana, e enriquecimento de atitudes e comportamentos.

Um painel alusivo a esta data, foi oferecido pelo Curso de FIGUEIRÓ DOS VINHOS, à JUNTA DE FREGUE-

SIA DE AREGA, simbolizando o reconhecimento de todos nós, pelo esforço desinteressado e incondicional.

A sua monitora, D. MARIA JOSÉ BRITES LOURENÇO, entregou também a cada convidado presente, um bouquet executado em palha de milho.

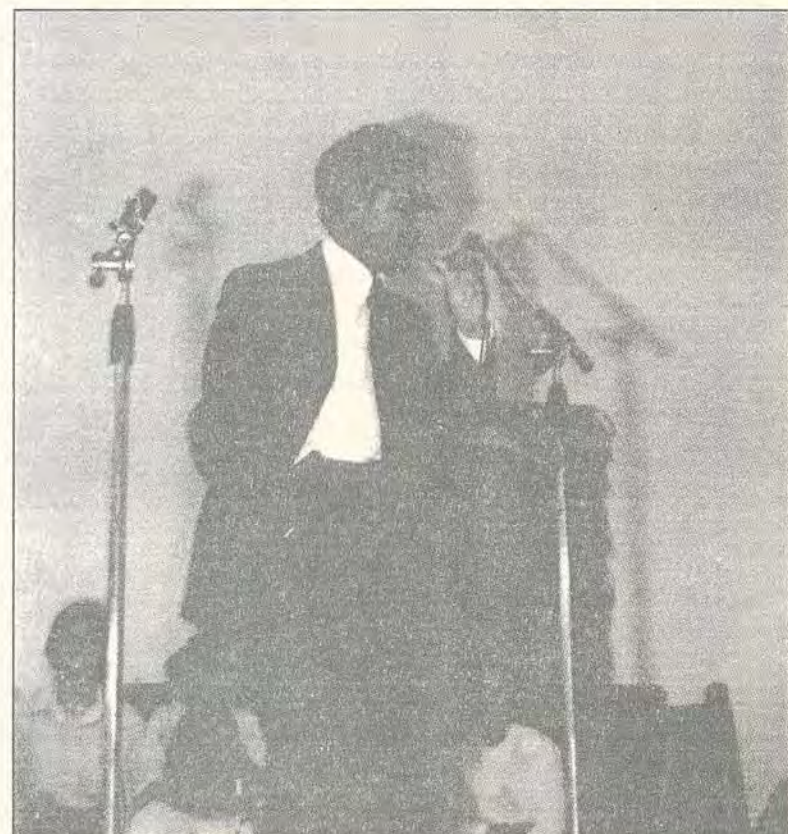
Que este encontro concelhio

faça parte do conteúdo da tal "garrafa da memória", que todos precisamos encher, apenas com boas recordações, para que, mais tarde, quando os recursos escassearem, possamos ir abrindo para consumir pouco a pouco.

Que a lembrança de hoje, por mais vezes que a garrafa seja aberta, não perca nunca a "validade"!!!!...

A Coordenadora Concelhia,
Laura Rodrigues Sobreira

(Continua na página 7)



Como lhe competia, o Sr. Presidente da Junta não faltou à festa

10

UM GRITO NA NOITE

enquanto ela o esperava, sentada no banco da Avenida da Liberdade.

No interior do repugnante antro, lá no fundo, dando para os saguões dos prédios vizinhos, existia uma dependência, razoavelmente mobilada, onde eram alojados os casais que invariavelmente vinham de longe, para que as pobres vítimas dos negociantes de carne humana julgassem estar alojadas numa pensão e não dessem pelo logro em que tinham caído ao acompanharem aqueles grandes patifes, que as conduziam para a desgraça. Durante o seu cativeiro, elas só saíam à rua da parte da manhã, para não darem conta do repugnante ambiente vivido por aquelas vítimas da maldade de certos homens.

Cristina, sem o saber, estava já registada como prostituta e indicada também para iniciar a sua actividade, nesse sentido, logo que a patroa a mandasse.

O Sardinha visitou-a para a informar que ela ia começar a trabalhar para a patroa e que tivesse muito cuidado, porque tinha de lhe obedecer, fazendo tudo o que ela lhe mandasse fazer. Em seguida retirou-se para continuar na sua vida de estroina, pelas baiúcas do Bairro Alto, tendo dito à Cristina que aquela pensão era só para mulheres e que ele teve de arranjar um quarto na vizinhança, porque aquele só podia ser utilizado em casos de emergência. Entretanto, desapareceu.

CAPÍTULO IV

A PERDA DA DIGNIDADE DE MULHER

NA TARDE do terceiro dia, foi chamada ao gabinete da patroa. A Barbuda recebeu-a com muitas demonstrações de amizade, fingida, já se sabe, tendo-lhe dito:

— Bem minha filha, você já está em condições de começar a trabalhar nesta casa, arranje-se para ficar bonita e vá para a sala onde se encontram as outras raparigas suas colegas, espere que os clientes a procurem a seja meiga para eles.

A Cristina ficou aterrorizada, pediu para falar urgentemente com o Sardinha, mas a Barbuda deixou os seus modos amistosos e disse-lhe secamente:

— O senhor Sardinha não é nada dentro desta casa, já recebeu o dinheiro combinado para que você viesse para aqui, agora pertence à casa e tem de cumprir as ordens que eu

lhe dou, sejam elas quais forem, ouviu? E se refilar corto-lhe as refeições e você morre de fome.

A Cristina cambaleou e caiu num choro que se ouviu na sala. As outras prostitutas riram, pois o mesmo já lhes tinha acontecido.

— Vá faça o que lhe digo e já, senão leva uma tarefa que a desfaço.

— Não vou, eu não sou dessas, pois vim com o meu companheiro para vivermos juntos.

A Barbuda, furiosa, levantou-se, dirigiu-se à Cristina e deu-lhe uma tremenda bofetada que a fez cair no chão, mas mesmo assim, ela não quis obedecer. Foi levada para o quarto, onde a fecharam à chave e a deixaram sem comer todo o dia seguinte.

Começou a enfraquecer. Só agora viu o ardil em que se deixara envolver. Com um

CONTINUA NA PÁGINA 7

OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS, OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICA

TAÇAS, TROFÉUS E MEDALHAS DESPORTIVAS

UMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR

Telef. (036) 52 105
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Tema do Mês

Regionalização e desenvolvimento regional, pressupõem o ordenamento global do território nacional, onde, numa perspectiva de longo prazo, se articulam os aspectos económicos, ambientais e a qualidade de vida das populações.

REGIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ao longo das últimas décadas temos assistido a uma alteração nas tradicionais formas de administração central e local em quase todos os países do mundo, particularmente na Europa.

Assiste-se assim ao aparecimento do processo de regionalização — criação de centros de decisão política e administrativa — em áreas ou regiões que apresentam semelhanças entre si, em termos económicos, naturais ou históricos, aproximando, ao mesmo tempo, o cidadão comum da capacidade de decisão. Por outro lado, essa mudança decorre da necessidade de se proceder a um desenvolvimento regional planeado, isto é, que tenha em atenção a criação de condições para a melhoria de vida e fixação das pessoas, propondo-se e definindo-se objectivos de crescimento, tendo em conta os meios utilizados, os quais hão-de conduzir ao progresso económico e ao equilíbrio social.

Regionalização e desenvolvimento regional, faces da mesma moeda, pressupõem ainda o ordenamento global do território nacional, onde, numa perspectiva de longo prazo, se articulam os aspectos económicos, ambientais e a qualidade de vida das populações. Aliás, não parece poder falar-se de desenvolvimento, sem se falar de desenvolvimento regional, e vice-versa.

Esta nova ordem vem propondo uma profunda reflexão aos governantes dos Estados, sobre as consequências menos positivas do desenvolvimento trazido pela Revolução Industrial, retirando daí as necessárias conclusões e indicadores para operar o planeamento e ordenamento do território. Sabe-se como se desenvolveram as grandes metrópoles, especialmente próximas dos centros fabris e mineiros. As populações das zonas rurais acorreram em massa atraídas pelos postos de trabalho.

Porém, a falta de condições de alojamento, a falta de segurança, especialmente no trabalho (por falta de preparação para lidar com as máquinas), e a insalubridade por falta de infra-estruturas, aliados à exploração do trabalho de mulheres e crianças por agentes menos escrupulosos, criaram desequilíbrios de que a sociedade dos nossos dias não se libertou ainda. E vale a pena

referir que os bairros degradados periféricos, a prostituição, a droga, a desagregação da família, para não falar do excesso de consumo que pressiona a nossa sociedade actual, formam a gigante bola de neve que começou a rolar no século passado e ainda não parou.

É preciso prover ao equilíbrio e distribuição das populações, fixando-as e atraindo-as para os novos e futuros centros de interesse e aglomerados populacionais mas, tendo em conta o passado, criar-lhes estruturas mais seguras e um futuro mais equilibrado.

A realidade portuguesa não é excepção neste contexto, embora em mais baixa escala relativamente à Revolução Industrial, porque não é um país de tradição industrial, dada a escassez de produtos energéticos e mineiros; apesar disso, enfrentou o despovoamento rural, rumo às cidades do litoral, especialmente Lisboa e Porto que, pelas influências do exterior, se tornaram os grandes pólos de atracção — sendo Lisboa o grande centro de decisão. Assim, as zonas do interior, pelo seu isolamento, viram-se ainda a braços com a emigração para o estrangeiro (desde os anos sessenta, especialmente para França e Alemanha), em que: por um lado levaram recursos humanos, que empobreceram o nosso mercado de trabalho, e alguns valores intelectuais se perderam nesse compasso de espera; por outro lado, deixaram para trás uma população envelhecida, cujas imagens nos chegam a casa todos os dias. (Escolas encerram por falta de crianças.) Acrescendo ainda as consequências socioeconómicas, de uma população idosa, cujo peso se faz sentir nos encargos sociais, os quais são equilibrados à custa de outras populações mais produtivas, através dos mecanismos da justiça redistributiva e da solidariedade institucional. Diria, da solidariedade regional.

A título de reflexão, ainda neste contexto, é oportuno fazer uma pe-

É preciso prover ao equilíbrio e distribuição das populações, fixando-as e atraindo-as para os novos e futuros centros de interesse e aglomerados populacionais mas, tendo em conta o passado, criar-lhes estruturas mais seguras e um futuro mais equilibrado.

quena referência sobre os excessos do espírito autonómico que, levado às últimas consequências, têm trazido para cena dramas que saem fora das fronteiras nacionais, pela violência e proporções extremas que atingem. Trata-se das lutas fratricidas na Europa de Leste. Portugal não correrá esse risco com as suas formas de autonomia regional, nem com a regionalização "mitigada" ou plena. Apesar de bairrista, o povo português, acima de tudo, é solidário.

Toda esta sucessão de factos pesa na mudança de atitude do poder de decisão político, e regionalização, ordenamento do território, planeamento, desenvolvimento e desenvolvimento regional são temas que devem merecer a atenção de todos os cidadãos. De resto, nos últimos anos têm sido objecto de algum debate público.

A regionalização está consagrada na nossa Constituição, no art.º 255.º (Regiões Administrativas), Título VIII, respeitante ao Poder Local. As regiões administrativas serão definidas por lei e assumirão as funções dos distritos através de competências conferidas pelo Poder Central, segundo uma forma de maior ou menor descentralização, que se traduz na criação de autarquias regionais, dotadas de órgãos represen-

tativos que prosseguirão os interesses próprios da população da região.

Este processo não tem sido pacífico. Defendido por uns e acatado por outros. É que, acima dos legítimos interesses de cada região de acordo com a sua identidade própria e as suas potencialidades, devem estar e ser salvaguardados o interesse e a coesão nacionais. Neste momento, em que nos encontramos integrados no espaço europeu, e apesar disso, é importante que se defenda, sem complexos, a nossa identidade nacional e, simultaneamente, a nossa identidade regional.

Então, o processo de regionalização e o processo de desenvolvimento regional encontrarão grande parte do seu sucesso e eficácia na dinâmica das instituições em geral e autárquicas em especial, nomeadamente na dinâmica dos gestores camarários, quando apresentam programas e projectos credíveis para operar a mudança, rumo ao desenvolvimento e ao progresso das respectivas regiões, quando divulgam inter-regiões e, junto do poder central, as potencialidades da sua autarquia, a posição geográfica, hoje privilegiada pelos acessos fáceis, graças aos eixos rodoviários, que têm rasgado serras e lançado pontes, encurtando as distâncias entre litoral e interior e quando, por tudo isto, atraem o investimento empresarial, porque reúnem as condições fundamentais: — Acesso rápido, qualidade ambiental, boa receptividade.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS A TERRA E O HOMEM!

Pese o espírito bairrista, ocorreu um exemplo concreto deste tipo de dinâmica levada a cabo, muito recentemente, pela Gestão Camarária de Figueiró dos Vinhos e pelo GADEL, ao trazerem a Lisboa a "1.ª Quinzena de Figueiró dos Vinhos", concretizada, numa exposição, no Terreiro do Paço, sob o tema "A Terra e o Homem", onde foi dado a conhecer a cultura, os costumes, a paisagem natural, a gastronomia, o artesanato, a arte, enfim, uma "amostra" que, sem ser exaustiva, foi sem dúvida um convite para localmente saborear, ver e descobrir os interesses da região, decorrendo simultaneamente, no Restaurante Isaura, uma quinzena gastronómica, ao que parece de "fazer crescer água na boca"...

Fez ainda parte do programa, para além de um encontro com a comunicação social, um jantar de empresários, onde se divulgaram objectivamente as condições propícias para o investimento empresarial, e a mobilidade das empresas, desde logo pela posição privilegiada da região, localizada nas áreas de charneira, (Torres Novas / Figueiró dos Vinhos / Penela), cruzando-se novas vias rodoviárias, que vão contribuir para o desenvolvimento das pequenas cidades do interior e que são o futuro

pólo de atracção para o investimento em alternativa às grandes cidades do litoral. Neste contexto, durante este encontro de empresários, o professor Dr. João Ferrão, falando sobre as "Empresas e o Ordenamento do Território", de forma clara e objectiva, enunciou as condições que hoje pesam na mobilidade e no investimento empresariais. Desde logo sublinhando dois grandes factores: Qualidade ambiental e acesso fácil. E afirmou: — "Figueiró dos Vinhos tem hipótese", apontando algumas "ideias simples", como lhe chamou:

— Ter convicção da sua viabilidade para o investimento — publicitar;

— Ter boa receptividade — atendimento personalizado (guichet único);

— Ter criatividade, fazer prospecção;

Deixou ainda outros indicadores para reflexão.

No respeitante à localização:

— "O litoral está a deslocar-se para o interior" — "Pombal dentro de 10 anos está em Figueiró dos Vinhos" (na realidade, 10 anos é pouco tempo).

— "O interior tem limites — as autarquias tem um espaço de manobra, para aproveitar e rentabilizar";

Em termos de recursos naturais:

— Figueiró dos Vinhos situa-se numa das maiores manchas florestais da Europa.

— A florestação pode criar empresas industriais e empresas de serviços (e postos de trabalho).

"Mas não brinquem com os cifrões"...

De facto, com coisas sérias não se brinca. Obviamente, Figueiró dos Vinhos está presente e atento. Cifrões sim, mas pelo crescimento económico e social, de facto, acompanhado pelo desenvolvimento e pelo progresso da região; pela preservação do ambiente, das belezas naturais e dos valores culturais e espirituais do seu povo. Pela Terra e pelo Homem

Na realidade, o processo de regionalização e de desenvolvimento regional requer uma forte coesão entre os os detentores do poder local e central. Tem que haver uma acção intersectorial muito harmoniosa, ao nível do planeamento e do ordenamento do território em que todas as instituições de base (do poder local, neste caso) têm um papel importantíssimo a desempenhar, em cuja participação todo o cidadão se deve empenhar — um trabalho que presta a si próprio e à comunidade onde está inserido, levando, junto do poder de decisão local, questões e sugestões indispensáveis para uma boa gestão.

Todos os dias vemos imagens e lemos sobre cimeiras ou encontros de governantes e organizações, a nível nacional, a nível comunitário e a nível mundial ou internacional, que se propõem resolver, empenhadamente, os desequilíbrios populacionais, económicos e sociais e verificamos que, apesar dessas iniciativas e tentativas de reduzir os vários tipos de assimetrias, elas vão persistindo.

Então eu não direi que é possível irradiá-las definitivamente (o que seria óptimo), o que direi é que é preciso que todos estejamos empenhados nisso. ■ **Dr.ª I. B. Costa**

ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS DA MANHÃ COM A MELHOR BICA DA REGIÃO

CALMIRO

SERVIÇO DE BAR E SALA DE JOGOS

TELEF. 34151

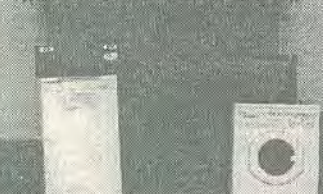
AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

LOJINHA "LUAR"

34 280

ELECTRODOMESTICOS



RAUL ONOFRE DA SILVA HENRIQUES

- Pronto-a-vestir -

Venda e aplicação de alcatifas

Electrodomésticos

Revestimentos para automóveis

TELEF. 036-342880-34233

AREGA

3260 Figueiró dos Vinhos

Adelino da Silva Simões & Filho, Lda.

COMÉRCIO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

- Azulejos
- Banheiras
- Lava-Louças
- Pavimentos
- Louça sanitária
- Ferragens
- Ferramentas
- Tubos e acessórios
- Fibrocimento
- Tintas Dyrup
- Cimento
- Ferro

COM SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Telef. (036) 36 151 - Fax: 36 328

CABAÇOS — 3250 ALVAIÁZERE

TEMAS DE SEGURANÇA SOCIAL

SEGURANÇA SOCIAL II

Como e quando surgiu a expressão *segurança social*?

PERECE NÃO SE saber ao certo como e quando surgiu a expressão *segurança social*. Todavia vamos encontrá-la em determinados contextos, no início deste século, e já no século passado, com sentidos e conteúdos diferentes que, sem serem antagónicos, antes se complementam.

Note-se que, em qualquer dos contextos em que foi utilizada, podemos encontrar um denominador comum, que se traduz na ideia de *protecção*, à sociedade e aos seus membros mais desprotegidos.

Esta associação do substantivo *segurança*, e do adjetivo *social*, como dizia Silva Leal, "é portadora de uma nova ordem que se vai instalando no coração e na inteligência dos homens, mas cujas raízes podem ser encontradas ao longo de toda a história". — Próprio da natureza humana a procura de segurança.

A propósito, parece oportuno introduzir aqui um parêntesis sobre a *Questão Social*, um facto histórico do fim do século passado, de grande relevo, que consciencializou o mundo do mal social existente, preconizou a luta universal contra as injustiças e misérias da sociedade e pugnou pela organização de classes. A QS, directa ou indirectamente, contribuiu para o aparecimento dessa nova ordem que conduziu aos sistemas de protecção social desenvolvidos neste século. — Importante recordar que, a QS nasce do confronto de ideias e propostas de soluções para fazer frente aos múltiplos problemas da sociedade humana. Problemas decorrentes dos desequilíbrios sociais que se vinham acumulando ao longo de gerações e se acentuaram com as políticas económicas e sociais nascidas do iluminismo do século XVIII e propagadas após a Revolução Francesa.

As doutrinas "liberais" com a intenção de defenderem a liberdade do trabalho e do emprego, deixaram o trabalhador entregue às leis do mercado. Exaltaram-se liberdades absurdas, como a de reduzir ao mínimo a intervenção do Estado na vida económica e social, conduzindo à crescente desorganização social e ao enfraquecimento da ordem económica.

A diferença entre classes era cada vez maior e as causas que originam a *Questão Social*, agravavam-se a partir do século XIX, com os efeitos, nefastos, da Revolução Industrial já que, a cobiça do lucro desenfreado explora uma massa de gente oriunda das zonas rurais para as grandes cidades ou centros fa-

bris e mineiros, onde vivem em condições desumanas, sem qualquer espécie de segurança, deixando muitas vezes para trás os laços familiares.

O cardeal Manning, perante este estado de coisas afirmava: «A liberdade dada pela revolução é a liberdade de 'morrer de fome'».

Esta frase é a ressonância do conteúdo da encíclica de Leão XIII, a *Rerum Novarum*, de 15/05/1891, onde denuncia a situação de forma veemente, ao dizer: «Os trabalhadores, desamparados sem defesa, ficaram à mercê de patrões desumanos».

Entretanto a Igreja, responsável, continuou a publicar com regularidade encíclicas papais e outros documentos, tentando acordar as consciências para a construção da sociedade, baseada na *dignidade da pessoa humana e do bem comum*, assumindo frontalmente a defesa de valores, como o direito natural, a *fraternidade e a solidariedade entre os homens*.

Mas, nem todos os pensadores da QS seguiram a doutrina social da Igreja, aliás, paralelamente, surgiram outras doutrinas sociais que se lhe opuseram frontalmente. Assumiram a luta contra a ditadura materialista do capitalismo desenfreado, mas, assumindo posições extremas, em breve faziam aparecer as ditaduras materialistas do proletariado (trabalhadores explorados na R. I.), defensoras da colectivização de toda a propriedade. Encontram-se estes sinais nas doutrinas de Marx e Engels, em frases como: "proletários de todo o mundo, uni-vos"; ou em textos de socialismo extremo (comunismo), onde se lêem frases de materialismo puro. Aí, são banidos os sentimentos patrióticos, e suprimida a família tradicional (cristã). Marx sobre religião afirmou: "A lei orgânica do comunismo é o ateísmo activo" e Lenine foi mais longe ao dizer: "Deus é o inimigo pessoal da sociedade comunista". Estas formas de socialismo extremo (como qualquer outra ditadura), deixaram marcas indeléveis na sociedade humana. Porém, nas últimas décadas têm sido atenuadas e/ou substituídas por formas ditas de "socialismo de rosto humano", ou "socialismo democrático".

Mas o homem continua a precisar de "ser mais homem", precisa de consciencializar-se dos seus direitos e deveres, como pessoa e como membro da sociedade, procurando informar-se e formar-se para poder participar conscientemente na definição do seu destino. Desde logo, que Segurança Social pretende

para assegurar o seu futuro. O seguro privado? O seguro social obrigatório? Ou outra forma, eventualmente mutualista?

Fecho este parêntesis, já longo, para ser considerado como tal, dizendo: — a QS, como uma tomada de consciência universal dos problemas sociais, encarados de diferentes formas, tem tudo a ver com o tema proposto, deixando-nos pistas que ajudam a compreender o objectivo dos responsáveis pelo aparecimento dos sistemas normativos de protecção social, particularmente o sistema de segurança social, tornando-a um direito consagrado constitucionalmente, podendo hoje falar-se de um verdadeiro direito da Segurança Social, cujo objecto é o direito à segurança social. Um direito a preservar, ainda que a custa de algum enquadramento, frente às condições socioeconómicas da sociedade, nesta viragem de século.

Retomando o ponto de partida, a primeira vez que se julga ter sido utilizada a expressão segurança social, foi em 1819, num discurso famoso, proferido por Bolívar na cidade argentina de Angostura. Nada terá a ver com o actual sentido, como por exemplo, nos dois textos que fomos encontrar entre nós, numa proclamação da Junta Provisória do Supremo Governo do Reino, dirigida aos portugueses em 31 de Outubro de 1820, onde se podia ler:

«Em que frágil apoio se estriba a **segurança social**? pergaminhos, arquivos e usos forçados, conquistam para as classes e massas atribuições monstruosas, nivelados os indivíduos pela igualdade da escravidão; em uma palavra, a parte torna-se todo, e o todo nada: privilégio é lei; Estados se encravam no Estado; e ao homem e ao cidadão nenhuma ideia importante corresponde.»

Neste extracto, a expressão segurança social aparece com um sentido de *segurança* da sociedade e dos valores individuais dos cidadãos.

Num outro texto encontrado num edital datado de 6 de Outubro de 1910, sob o título "Pátria e Liberdade", mandado afixar pelo governador civil de Lisboa, nomeado pelo Governo Provisório da República,

Pela Dr.ª Irene Borges*

podia ler-se o seguinte:

« Para garantir a liberdade individual, condição necessária da **segurança social** e da honra do governo republicano, faz-se saber a todos os cidadãos que é indispensável haver todo o respeito pelas pessoas dos polícias, dos soldados municipais e dos padres, assim como de indivíduo de qualquer outra condição, castigando-se rigorosamente qualquer desacato que se pratique.»

Aqui, a expressão está aplicada no sentido de ordem pública, como garante dos direitos do homem.

Porém, num texto do 1.º Congresso Nacional dos Trabalhadores Italianos, em 1894, falou-se em "*sicurezza sociale*" num sentido mais próximo do actual, apesar de na Itália a designação oficial utilizada ser a de "previdenza social". Também (segundo o autor citado) poderá atribuir-se esse sentido a um decreto de 1918, do Conselho dos Comissários do Povo da República Socialista Soviética da Rússia, onde se utilizou uma expressão linguisticamente equivalente a segurança social, para designar o sistema de protecção contra os riscos sociais a que os trabalhadores estavam sujeitos.

Mas, a primeira vez que se falou de segurança social, no sentido técnico que lhe atribuímos hoje, foi na lei americana de 1935, ("Social Security Act") relativa à protecção em caso de desemprego, de viuvez ou de morte. Esta lei, ao tempo, vinha fazer face à crise económica e social que abalou os Estados Unidos da América na Grande Depressão de 1929. Depois, a expressão foi usada na Nova Zelândia, em 1938.

Na Inglaterra, nos anos quarenta (1942), com o célebre *Relatório Beveridge* foi a sua implantação definitiva, com uma projecção e uma aderência que revolucionou o sistema de protecção social, não só no país anglo-saxónico, como noutros países europeus e mesmo no resto do mundo, depois da 2.ª Guerra Mundial. Será sobre isso que falaremos no próximo encontro, inclusivamente quando foi adoptada em Portugal essa expressão *segurança social*.

* Técnica Superior do M. E. S. S.

Bom Jesus da Sobreira

CAPELA ASSALTADA

A capela do Bom Jesus da Sobreira recebeu a visita de larápios pouco piedosos, na noite de 22 para 23 de Maio, tendo sido levadas duas imagens valiosas.

Os assaltantes entraram pelo telhado, método que não é novo pois ainda na semana anterior o mesmo sistema foi utilizado para forçar a entrada numa outra capela do concelho da Lousã.

Tal coincidência de métodos leva a supor tratar-se de gente organizada e que sabe o que quer, até porque junto à capela do Bom Jesus detectaram-se rastros de camião.

É um bom aviso para os responsáveis pelas ermidas e igrejas da região, pois nunca será de mais prevenir e pôr os valores a bom recato.

A propósito, existe um cadastro pormenorizado dos valores e obras de arte que a nossa Igreja Matriz possui? E as capelas da freguesia, estão bem protegidas dos meliantes? Consta que em tempos existiu um par de castiçais valiosos, em prata lavrada do século XVII, na capela do Casalinho de Santa Ana. Alguém sabe onde estão? E o alvará da mesma capela?

Talvez seja altura de quem tem responsabilidades e competência nesta matéria se debruçar um pouco sobre o assunto, se é que já não o fez.

NA FOZ DE ALGE

Festa de S. João

Mais uma vez se vai levar a efeito, na Foz de Alge, a Festa de S. João, padroeiro da Capela daquele simpático lugar.

No dia 18 vá até à beira do rio gozar a frescura e assistir ao arraial de S. João, na Foz de Alge!

VISITE-NOS
NÃO QUEREMOS (SÓ)
VENDER MÓVEIS
QUEREMOS FAZER AMIGOS!
SOMOS
MÓVEIS MIK
CABACOS
3250 ALVALÁZERE
036 - 36235

CLUBE DE VÍDEO CARDOSO

Reportagens:
- Reuniões
- Casamentos
- Festas/Baptizados
- Festas/Apresentações
- Passagem de modelos, etc.

Serviços com sonorização e títulos
- Conversão de filmes 16 mm para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de filmes 8 super 8 mm para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de slides para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de fotos para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Cópias de e para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de NTSC e Secam para PAL (trabalho amador)

Centenas de filmes de todos os géneros, originais, selados e legendados em português:
Aventuras, suspense, terror, dramas, romances, desenhos animados, policiais, westerns, artes marciais, comédias, musicais, acção, etc.

NOVIDADES
LANÇADAS
TODOS
OS
MESES

TELEF. P.P. 52310

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VÍTOR MANUEL



OLHOS DE ÁGUA, 205-A
Tel. 501031 - Residência
Telemóvel 0931212708

GOMES SANTOS

EMPREITEIRO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

CONSTRUÇÃO E VENDA
DE ANDARES E MORADIAS

8200 ALBUFEIRA
ALGARVE

Encerramento dos Sócio-educativos/95

(Continuação da Página 4)

Marcha do Curso de Arega

CULTURA É SABER LER
E TAMBÉM SABER FALAR
CULTURA É ESTAR ATENTA
E ALGO SABER ENSINAR

AO BORDAR O MEU SAQUINHO
JULGUEI QUE MAIS NÃO FARIA
OUTRAS COISAS SE SEGUIRAM
QUE ME DERAM ALEGRIA

O NOSSO GRUPINHO FOI SEMPRE
SADIO E FAMILIAR
COM RISOS E GARGALHADAS
E AS MÃOS SEMPRE A TRABALHAR

AS QUE MAIS LONGE VIVIAM
PARA SUA CASA VOLTARE
ERA A BOA DA INÊS
QUE AS IA TRANSPORTAR

ESTE GINÁSIO ESTÁ CHEIO
COM TODA A GENTE A CANTAR
A CULTURA DO CONCELHO
NÃO PODIA CÁ FALTAR

ESTE CURSO PARA NÓS
DE TUDO ISTO VALEU
VIEMOS APRESENTAR
CADA UMA O QUE APRENDEU

AO VOLTARMOS PARA CASA
ÀS VEZES AO FRIO E VENTO
CORRENDO ALEGREMENTE
PARA NÃO PERDEREM TEMPO

COM O SEU CARRINHO PRETO
A TODAS IA LEVAR
ABARROTANDO DE MOÇAS
CADA QUAL PARA SEU LAR

Cantado por CURSO DE COSTURA/BORDADOS

AREGA - 7/05/95

ENCERRAMENTO



Desfile do Curso de Costura e Bordados de Arega. À frente, a D. M.ª Alice Borges Furtado



Em fim de festa, tempo para o lanche/convívio entre todos os presentes

UM GRITO NA NOITE

11

amante reles, um degenerado, que não teve escrúpulos em a vender como se vende uma cabra ou uma ovelha, nestas condições o que poderia ela esperar dele? Que saudades ela tinha da sua modesta vida na aldeia onde nasceu e também daquela vista maravilhosa que desfrutava do alto da falésia, sobre o mar imenso. Que desgosto não teria sofrido a sua mãe, velhinha e solitária, naquela aldeia escondida sobre as fragas altaneiras.

No dia seguinte, a Barbuda mandou chamar o Sardinha para lhe fazer queixa da atitude da Cristina. Ele morava próximo, num quarto alugado, e quando chegou foi logo informado do procedimento da sua amante e encarregado de resolver o assunto com ela.

Cristina, que se encontrava no quarto fechada à chave por fora, cheinha de fome, muito débil tanto de corpo como de espírito, veio logo e assim que viu o Sardinha correu para ele, implorando-lhe que a tirasse dali. O Sardinha tomou uma atitude por ela nunca vista, dizendo em tom arrogante e ameaçador:

— Você agora já não é uma mulher normal, você foi matriculada como puta e é como puta que tem de proceder, a mim já me não pertence mais, agora é propriedade da sua patroa, que é esta senhora que aqui está, é ela que de futuro a mandará fazer o que entender, ouviu?

Cristina, mesmo em débil estado, correu para ele e tentou agredi-lo; ele defendeu-se e deu-lhe um pontapé que a fez tombar desmaiada no chão. Foi conduzida novamente para o quarto, onde foi assistida com um copo de água, nada mais. Voltando a si pouco depois, ali se conservou durante muito tempo, pensando na fraude em que tinha caído e também que não tinha outra alternativa na vida: teria de ser prostituta, porque sozinha, indefesa, nem sequer podia voltar para o Espicho, pois lá, pela sua atitude vergonhosa, seria desprezada por toda a gente. No dia seguinte, levaram-lhe

alguma coisa para comer, no intuito de a começar a amolecer na sua decisão de resistir.

Ninguém mais incomodou a Cristina nessa noite e no dia seguinte deram-lhe o almoço sem mais problemas. Mas à tarde voltou a ser chamada pela patroa, que a recebeu com um sorriso, perguntando-lhe se estava melhor, ao que ela não respondeu. A Barbuda continuou:

— Sabe, os homens são muito falsos e quando começam a viver à custa das mulheres ainda são piores. É o que acontece com o Sardinha, ele é um chulo de profissão e você nada pode esperar dele. Vai deixá-la abandonada aqui, não pense voltar a vê-lo a seu lado. É a triste sorte de uma mulher, quando se liga a um homem assim. Eu também sou mulher como você, também fui trazida ao engano, para uma casa como esta, mas eu não era bonita como você e tive por isso muita dificuldade na vida.

Na realidade, a Barbuda começava a ter pena de Cristina e disse-lhe ainda:

— Minha querida, na vida de uma mulher acontecem muitos casos como este, você não é a primeira a sofrer estes males e não tem outro remédio senão adaptar-se a este meio, mas uma coisa lhe prometo, não irá para a sala, tenho ali um gabinete, com todas as comodidades, para receber alguns clientes especiais, na melhor situação da vida, que não gostam de ir escolher as mulheres à sala, serão esses aqueles que vai atender, entendeu? Seja compreensiva — rematou ela, e a Cristina calou-se, não via outra alternativa para a sua vida senão sujeitar-se à triste realidade.

Voltou para o quarto, onde passou o resto da tarde em sossego, recordou todos os episódios recentes da sua vida, o seu marido, vergonhosamente atraído por si. Quanto daria ela para voltar a ser uma esposa carinhosa e fiel, como o foi durante os primeiros tempos de casada com o Augusto, que tanto lhe deu de

A PAU... DE CANETA!...

Arega não é só a Vila

No passado dia 7 de Maio o Pavilhão Polidesportivo de Arega foi palco dum acontecimento cultural e recreativo que em muito dignificou os seus promotores e o nome de Arega, objecto de relato pormenorizado por parte da coordenadora concelhia, noutro local deste jornal.

Parece que tudo correu bem, a satisfação era visível em todos quantos participaram no evento.

O mesmo não se poderá dizer da forma como foi feita a divulgação desta iniciativa. Pelo menos aos lugares mais distantes não chegou a informação, não dando assim a possibilidade de participação a algumas mulheres que muito gostariam de o ter feito.

Tenho conhecimento de algumas que tão cedo não esquecerão o facto de terem sido esquecidas.

Não sei quem fez nem a forma como foram feitos os convites, mas, seria bom que para a próxima se lembrassem que Arega não é só a Vila e arredores, mas toda uma vasta área compreendida entre a Ribeira de Alge e a Ribeira do Casalinho de Santa Ana, o Alto da Serra e o rio Zêzere...

Vírus ataca na A.R.C.A.

Pois é, parece que Arega está infestada de um vírus que quando menos se espera ataca grupos de pessoas com as quais a Associação tenta dar a conhecer o nome da nossa terra.

Senão vejamos:

Houve um Rancho Folclórico que embora com sacrifício de muita gente conseguiu manter-se em actividade durante alguns anos, chegando a conquistar por mérito próprio boa aceitação na nossa vizinhança e não só; hoje, por razões que muitos conhecem, é apenas recordação.

Houve uma equipa de futebol de salão que enquanto não teve condições, treinando onde calhava e deslocando-se para os torneios à sua própria custa foi existindo ao ponto de conseguir um número razoável de taças e troféus. Quando tinha algumas condições, com polidesportivo à disposição e equipamentos e transporte por conta da Associação, foi um ar que lhe deu e adeus futebol!...

Como não há duas sem três, recentemente foi a equipa de cicloturismo que acabou por dar sinais de cansaço, depois de durante alguns anos ter conseguido levar o nome de Arega onde não era conhecido, mostrando-se bastante coesa e dinâmica.

Depois da inscrição feita e cheque enviado para pagamento do almoço, surgiu a indisponibilidade de alguns elementos, o que inviabilizou a nossa ida a Arraiolos no dia 21 de Maio.

Em breve se verá se o mal é passageiro ou se nem o cicloturismo escapa.

Malvado vírus!...

CORREIO DOS LEITORES

As vezes chegam cartas



A engenhosa família Pires, ainda o esgoto do Cemitério e uma indignação da Câmara Municipal são as nossas missivas para este número. Cartas de amor e desamor, quem as não tem?!...

Vai esta a respeito da carta que o Sr. Higino Pires escreveu ao jornal A Voz d'Arega n.º 19, que li com atenção, onde fala no seu falecido pai que eu conheci muito bem. De facto ele, como bem diz sr. Higino, era um bom artista como carpinteiro a construir azenhas, lagares ou até moinhos de vento. Ainda me lembro bem de uma frase dele, quando lhe faltava o pastor para guardar as cabras, vinha ele com elas até à serra de Arega e estando o meu falecido pai nos moinhos de vento, falou ao seu primo João Pires, das Pégudas. O meu pai, que também se chamava João Pires, da Casa Nova, contou-lhe a passagem do Manuel Dias, que tinha a azenha no lugar do Poeiro onde tinha água todo ano para a mover e vendeu-a para comprar um moinho de vento; o primo João Pires das Pégudas, sabendo que os moinhos de vento são vis para se lidar com eles, saiu-se com esta frase:

— Então o homem meteu-se com o diabo sem saber?

Eu também quase fui criado nas Pégudas. Durante mais de meio ano nós moíamos o grão nas azenhas das Pégudas e a mãe do senhor Higino Pires era como se fosse nossa mãe; quando nos faltavam os fósforos para acender o lume ou a candeia lá íamos nós pedir à Tia Maria os «fósforos», quando nos fal-

tava azeite para alumiar ou mesmo para adubar as papas que a gente fazia lá na azenha era à Tia Maria que íamos pedir com um frasquito. Muitas vezes nos dava de comer a mim e aos meus irmãos Vitorino e Joaquim. Era uma santa mulher, que Deus a tenha em bom lugar!... O senhor Higino Pires fala dos brinquedos que fazia como moinhos movidos com a corrente de água e os piões; eu também fazia isso, e os piões eu fazia-os ao torno de meu avô António Pires da Casa Nova. Esse é que também era um «engenheiro». O que ele visse fazer pela primeira vez ia logo fazer também, fazia de tudo um pouco: carpinteiro, pedreiro, serrador, oleiro (telha de canudo) e até fazia sapatos, calças e coletes para ele.

Pelo Carnaval fazia uns bonecos a dançar em cima de um carro de burro, e já ele andava doente mas ainda fez um palhaço que pôs a cavalo num burro e fomos para os Braçais, e estando lá a Ressurreição da Carreira, que era sua sobrinha, e como o palhaço estava vestido com roupa dele, a Ressurreição, pensando que era o seu tio António Pires, veio pedir a bênção ao palhaço e beijou-lhe a mão...

Também leio aquela história do chulo e da Cristina, e também a propósito da ronda que o Américo

Silva Ferreira fez sobre todos os lugares da freguesia onde fala na escola do Lameirão que foi construída pelo Sr. Santos para sua residência, um detalhe ele esqueceu: é que aquele foi o primeiro edifício na freguesia de Arega a possuir casa de banho.

Fernando Pires

Exmo Sr.
Presidentada Junta de Freguesia de Arega:

Exmo. Sr.:

Fiquei surpreendido ao ler no jornal "A Voz d'Arega", no número de Março/95, numa carta de V. Exa. dirigida a Américo Borges Xavier, a referência do meu nome, ainda a propósito da questão do esgoto proveniente da parte nova do cemitério para uma via pública. A surpresa reside apenas no facto de me acusar (subentende-se) de estar a instrumentalizar a referida pessoa.

A livre opinião e a livre crítica, ainda são regras do nosso sistema político, por isso, não entendo a preocupação de V. Exa. para uma situação que claramente está errada, como é esta a do esgoto. Ficaria satisfeito sim, se ao invés desta prepotente teimosia, V. Exa. anunci-

asse a solução do problema. Afinal foi por isso que o elegeram: para assegurar o bem estar da nossa população.

Ao afirmar publicamente que na nossa freguesia estão em curso obras no valor de 50.000 contos, espero francamente que alguns destes fundos sejam dirigidos para solucionar

esta questão, como desafio V. Exa. a explicar aos areguenses, onde estão a ser gastos esses dinheiros.

Com os meus melhores cumprimentos.

Luxemburgo, 27 de Abril de 1995.

Fernando Pires

Exmo. Sr.: Director do Jornal "Voz d'Arega" - 1675 Famões, Lisboa
Assunto: Figueiró dos Vinhos, a Terra e o Homem, na Praça do Comércio.

Independentemente de outras posições a tomar, subsequentemente, junta-se extracto da Acta da Reunião de Câmara de 9/3/95, em que, por unanimidade, o Executivo CONVIDOU especialmente a Comunicação Social Local, em que esse periódico se insere.

A Reunião foi pública e a ela assistiram colegas Vossos, encontrando-se as actas afixadas para que todos os interessados no seu conteúdo possam ler e transcrever, se for caso disso.

Reputa-se, pois, de falso o conceito produzido na abertura da "notícia". Com os melhores Cumprimentos
O PRESIDENTE DA CÂMARA,
(Fernando M. C. Manata)

Fernando M. C. Manata

RUBRICAS:

ACTA DA REUNIÃO DE 09/03/1995

DELIBERAÇÕES DIVERSAS

2ª. - 1ª. QUINZENA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS EM Lisboa

Na sequência da informação prestada à Câmara pelo Vereador Dr. Jorge Pereira na reunião realizada em 23/2/95, a Câmara delibera por unanimidade assumir os custos e as despesas decorrentes da Organização da referida iniciativa. Deliberado ainda Aprovar o Programa fazer um Convite especial à Comunicação Social, nomeadamente à Local.

Nota. — Independentemente do pedido já feito a um membro dos órgãos sociais do Sindicato dos Jornalistas para análise do conteúdo desta carta, a partir de agora, quando quisermos convidar o Sr. Presidente da Câmara, fá-lo-emos através de aviso afixado na porta da nossa redacção, como parece ser norma na Câmara.

CAFÉ • RESTAURANTE • RESIDENCIAL
MARQUES

ALMOÇOS, JANTARES, PETISCOS, DORMIDAS,
CASAMENTOS, BAPTIZADOS, BANQUETES.

Telef. (036) 36273

3250 CABAÇOS - Alvaiázere

ANTÓNIO TEIXEIRA DA SILVA
LADRILHADOR

Telf. (036) 34 844 - BREJO - AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ZULMIRA FERNANDES

ADVOGADA

Praça Dr. António José Pimenta, nº 4, Sótão - (Junto à MARIBEL)

Telef. 52313 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TODOS OS DIAS DAS 14,30 ÀS 18,30 HORAS



TELEF. 34260 - 34151
34246 - Resid.
TELEMÓVEL 0931 - 253579

ADELINO DOS SANTOS COELHO

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO
SERVIÇO PERMANENTE

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

RETIRO FIGUEIRAS
DE

José Manuel Jesus Silva

SNACK-BAR — RESTAURANTE

Telef. 036 - 53258 CHÃOS — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



JOSÉ GOMES

Valbom
Arega

madeiras e derivados 3260 Figueiró dos Vinhos

12

UM GRITO NA NOITE

amor e carinho e que não era merecedor da acção vergonhosa que ela cometeu contra ele. Como pôde acontecer tal procedimento, do qual tanto se arrependia agora.

E a sua mãe? Como teria ela suportado a vergonha de ter uma filha assim. Na situação em que se encontrava, nunca mais poderia ter notícias dela.

Chegou a noite, a hora suprema da sua submissão à profissão de prostituta. Foi chamada à patroa, que a recebeu com aquele sorriso já conhecido, mandando-a acompanhar por uma sua ajudante para o tal gabinete secreto, e ali veio a expirar o derradeiro grito da sua virtude de mulher que se perdeu por uma paixão que na realidade não tinha razão de ser.

CAPÍTULO V

O TEMPO MOSTRA O DESTINO

À Cristina, já submissa à profissão e como novidade na casa, não lhe faltavam clientes. A patroa rejubilava de contente, tinha ali uma boa fonte de receita e no contrato com o Sardinha tinha ficado estipulado que uma parte desse rendimento reverteria a favor dele e assim ele também se sentia um capitalista, renovando a sua vida de fausto como o fizera noutros tempos, em que desbaratou todo o património que os seus pais lhe deixaram.

Sobre a Cristina caiu um manto negro que a encobriu durante muito tempo, ninguém mais teve notícias dela.

No Espicho, a sua atitude para com o marido causou estranheza e desgosto em toda a população, pois ele não era merecedor daquela velhacaria por parte da esposa.

A mãe dela nunca mais quis sair à rua e muito menos tomar qualquer refeição, razão porque em pouco tempo atingiu a maior debilidade e consequentemente a morte. Sendo ela muito pobre, para ter um funeral razoável os vizinhos fizeram uma colecta entre eles e assim a pobre senhora foi levada dignamente, por

todos, à sua última morada. A sua pobre casa ficou abandonada e com o tempo acabou por ruir, ficando no seu lugar apenas um monte de escombros.

A filha nunca teve conhecimento do destino da mãe, pois ninguém conhecia o seu paradeiro para a informar. Ela sumiu-se durante muito tempo e ninguém mais a viu para lhe dar notícias maternas.

O Augusto lançou-se novamente na sua actividade, evitando sempre que podia ir ao Espicho, fazia residência nas pensões existentes na sua zona de trabalho, mas como era de esperar começou a sentir o peso da solidão e, consequentemente, a necessidade de reconstituir novamente a sua vida. A Teresa, sua antiga namorada, antes de ele se casar com a Cristina, continuava solteira, nunca o tinha esquecido e com o desgosto de o ter perdido não mais pensara em namorar. Embora um pouco mais idosa, possuía ainda bem visíveis bastantes dotes de beleza, que da sua recente mocidade ainda não tinha perdido.

HÁ 50 ANOS — FIM DA 2.ª GUERRA MUNDIAL

Bendigamos a paz, bendigamos a vitória!

— Foi com estas palavras que em Maio de 45 o então chefe do Governo, Oliveira Salazar, saudou na Assembleia Nacional, antepassada da agora Assembleia da República, o fim da 2.ª Guerra Mundial na Europa.

Comemorou-se em Maio passado o 50.º aniversário do fim de um dos maiores flagelos que jamais assolaram não só a Europa mas quase todo o nosso planeta. Foi precisamente às 2 horas e 41 minutos do dia 8 de Maio de 1945 que o representante do Alto Comando Alemão, general Jodi, em nome do almirante Doenitz, assinou a rendição incondicional de todas as tropas combatentes alemãs, da terra, do ar e do mar; por parte dos aliados assinaram o general B. Smith e o general F. Sevez em nome do Supremo Comando das Forças Aliadas e o general Suslpatov, em nome do Alto Co-

mando Russo. Por quase toda a Europa (França, Bélgica, Inglaterra, Noruega, Polónia, Rússia, Alemanha, etc.) um rasto de destruição denunciava o pesadelo em que o sonho de um louco e dos seus seguidores tinha transformado a vida de milhões de pessoas, directa ou indirectamente envolvidas numa guerra trágica e sem sentido.

Portugal felizmente escapou incólume, pelos menos dos efeitos físicos, da guerra. Conseguindo quase um milagre de estratégia, pois que enquanto a política e talvez o coração dos nossos governantes pendiam para o lado dos alemães, a nossa

ligação histórica aos ingleses, e com eles a todos os aliados, obrigava-nos a adoptar uma posição de neutralidade, o nosso governo manteve o povo português longe da tragédia que deixou sem lar milhares de pessoas e levou à morte, tantos nos campos de batalha como nos fornos crematórios e nos campos de extermínio, gentes cujo único erro tinha sido viverem ao mesmo tempo que Adolf Hitler, o louco sanguinário cuja sede de poder levou o desespero e a destruição aos quatros cantos do mundo. Desta maneira Portugal transformou-se num cantinho do paraíso para milhares de refugiados, judeus e não só, que fugindo às atrocidades cometidas na Alemanha e nos países ocupados, encontraram aqui a paz e o descanso até puderem partir para outros países de acolhimento. Note-se que embora o Governo consentisse em receber os refugiados de guerra eles eram constantemente vigiados e interrogados pela PIDE.

Mas embora na Europa tivesse sido decretado o cessar-fogo e por

todo o lado se comemorasse o fim das hostilidades, na Ásia e no Pacífico a guerra continuou, desta vez com os japoneses por opositores. A 2.ª Guerra Mundial apenas teve fim em 15 de Agosto de 1945 quando outra das grandes vergonhas da humanidade, desta vez perpetrada pe-

los Estados Unidos, obrigou à rendição incondicional das tropas japonesas: o lançamento pela fortaleza voadora *Enola Gay* da bomba atómica sobre Hiroxima, no Japão, precisamente às 8 horas e 15 minutos do dia 6 de Agosto de 1945.

F. M. Marques M.

O Governo português conseguiu manter a neutralidade, tornando-se Lisboa um paraíso para os refugiados, ponto de passagem para aqueles que conseguiam fugir aos horrores da Guerra e buscavam o futuro, principalmente nos Estados Unidos. Paralelamente a cidade fervilhava de espiões, tanto nazis como aliados, e aqui se fizeram trocas oficiais de prisioneiros de guerra importantes. Em Portugal viveram-se tempos difíceis, com racionamentos dos bens alimentares e outros de primeira necessidade, como por exemplo o sabão, uma vez que as importações estavam praticamente paralisadas e a nossa indústria era praticamente nula. Embora país neutral, esteve nos planos de Hitler, com a conivência de Franco, a invasão de Portugal, alargando a frente de batalha à Península Ibérica. Só que por essa altura já o esforço das tropas do Eixo era demasiado e uma nova frente de combate tornou-se inviável, face às constantes investidas dos Aliados. Mas se tal invasão acontecesse sabe-se que o Governo português não a veria com maus olhos, tal a sua simpatia pelos ideais nacional-socialistas de Hitler. Provavelmente, seríamos mais uma vez anexados à Espanha...



ARMAZENISTAS:

Aubos, Rações, Agro Químicos, Produtos de Limpeza, Plásticos, Papelaria, Miudezas, Electrodomésticos

Telefs.: 36262 - 36282 - Fax 36416 - 3250 CABAÇOS

OURIVESARIA RELOJOARIA

De **Mário T. Morais**



GRANDE SORTIDO DE
PULSEIRAS, FIOS, ANÉIS
DE NOIVADO E ALIANÇAS

Relógios: *Seiko, Citizen, Orient, Casio*

Estabelecimento-sede em AVELAR
Filial em CABAÇOS

JOSÉ HENRIQUES BAIÃO

CASA FUNDADA EM 1922

COMÉRCIO MISTO E BAR
RAÇÕES E ADUBOS
PARA A AGRICULTURA

Agente das Companhias de Seguros:
Tranquilidade, Bonança, Inter Atlântico e Império

Telefone 036 - 34 151 (posto público) **AREGA**

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Manuel Rosa Borges, Lda.

ESTUCADOR

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS RESPEITANTES
À SUA ARTE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Travessa de D. Dinis, lote 22, 1.ª Esq. Telef. 947 78 75
BAIRRO DO GRILO - CAMARATE - 2685 SACAVÉM

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS, C. R. L.

AGORA COM SERVIÇO DE

BANCO COMPLETO

NAS NOVAS INSTALAÇÕES
EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Contas ao dispor:

DEPÓSITOS À ORDEM • DEPÓSITOS A PRAZO • POUPANÇA-MEALHEIRO • POUPANÇA-JOVEM
POUPANÇA-REFORMADO • POUPANÇA À ORDEM • CONTA ESPECIAL EMIGRANTE • CONTA SERVIÇOS
RENDIMENTO MENSAL • CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES

CARTÃO MULTIBANCO • CARTÃO VERDE GARANTIA • CARTÃO VISA
TRANSFERÊNCIAS INTERBANCÁRIAS • OPERAÇÕES COM O ESTRANGEIRO • CÂMBIOS
INVESTIMENTOS NA BOLSA (TÍTULOS E PARTICIPAÇÕES)

Créditos para:

AGRICULTURA • FLORESTA • PECUÁRIA • JOVENS AGRICULTORES
AGRO-INDUSTRIAS • AGRO-ALIMENTARES • AGRO-TURISMO • TURISMO RURAL

Elaboração de projectos, com Técnico Adequado, para:

AGRICULTURA • PECUÁRIA • SILVICULTURA • ARTESANATO
DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO (PROCOM)
APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS INDÚSTRIAS (PEDIP II)



UM APOIO DIFERENTE
AOS SEUS INVESTIMENTOS

OFERECHEMOS-LHE AS MELHORES TAXAS DE JURO CONSULTE-NOS

AGÊNCIAS: Telef. (036) 3 64 12 - Fax 5 32 63 — CABAÇOS (3250 Alvaiázere)
Telef. (036) 3 64 12 - Fax 4 62 10 — 3270 PEDRÓGÃO GRANDE

SEDE:

Telefs. (036) 5 22 64 / 5 28 57 — Fax 5 32 63

Rua Majorr Neutel de Abreu — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

JOSÉ DA CONCEIÇÃO CABRAL

MOAGENS DE FARINHAS EM RAMA
E PENEIRADA PARA PANIFICAÇÃO
E USOS CULINÁRIOS
VENDA DE RAÇÕES E CEREAIS
FILIAL EM RIBEIRA DO BRÁS
Sede: CA&BAÇOS
Telef. (036)36175 -- 3250 Alvaiázere



Américo Martins Transportes de Aluguer

MUDANÇAS E OUTROS TRANSPORTES COM PESSOAL ESPECIALIZADO
Telf. 204 48 16

Residência: Rua de São Martinho, 9 (Alto da Serra)
BAIXA DA BANHEIRA — 2830 BARREIRO

Contas das Festas de 92 e 93

FESTAS DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO 1992-1993

RECEITAS

SALDO DA FESTA DE 1992	734.331\$00
SALDO DA FESTA DE 1993	1.014.741\$00
Soma dos dois saldos	1.749.072\$00
VENDA DE APARELHAGEM	300.000\$00
JUROS	198.526\$00
TOTAL DAS RECEITAS	2.247.598\$00

DESPESAS

ARRANJO DO SALÃO ANEXO À IGREJA:	
Serviços de pedreiros-Eduardo C. Caetano	1.050.930\$00
Placa	126.844\$00
Alumínios	86.697\$00
Carpintaria	45.045\$00
Grade da escada	32.480\$00
Esboço	(a) 60.000\$00
Carpinteiro	10.500\$00
Ladrilho e azulejo	195.840\$00
Electricidade (instalação)	35.000\$00
Pinturas	76.146\$00
Soma parcial	1.719.482\$00
ARCA - Associação Recreativa e Cultural Areguense:	
Metade do lucro da festa de 1993, conforme combinado,	
..... por esta associação se ter disponibilizado para aju-	
..... dar às festas,	
por impossibilidade de se ter arran-	
jado nova comissão	507.370\$00
TOTAL DAS DESPESAS	2.226.852\$00
SALDO A ENTREGAR NOS COFRES DA IGREJA	1.020.746\$00

Para que este saldo se tornasse positivo, deveu-se a duas ofertas:

(a) Do Sr. José da Silva, que descontou no seu serviço 50.000\$00 (eram 110.000\$00 e só recebeu 60.000\$00). E do Sr. Manuel Pires Teixeira que ofereceu a areia e todos os transportes necessários, incluindo o da placa, tudo no valor de 50.000\$00.

A COMISSÃO:

Pela Comissão:

Pagamento de assinaturas

Duarte da Conceição	Maria do Céu Graça
Mano, Amadora —	Baião, Tomar —
1.000\$00	800\$00
Ernesto Martins da Con-	Luciano Henriques, Fi-
ceição Mano,	gueiró dos Vinhos
Queluz — 1.000\$00	— 1.000\$00
Donzília da Conceição	António José Furtado
Aires, P. S. Iria —	Rosa, Loureira —
1.200\$00	1.000\$00
Manuel Borges Martins,	Zulmira da Conceição
Tomar — 1.000\$00	Borges, Casa Nova
Manuel Maria Graça	— 1.000\$00
Baião, Brejo —	Manuel Alves Bartolo,
800\$00	Alverca —
	1.000\$00

Adivinhe... se for capaz!...

É uma senhora
Sempre molhada
Quando sai à rua
É malcriada

Solução do núme-
ro anterior:

Agalhinha quando vai
pôr o ovo

Com organização da ARCA

Excursão diferente

Dado o interesse manifestado por alguns excursionistas habituais, vai esta Associação organizar uma excursão a um dos maiores restaurantes típicos do País no dia 23 de Julho, com o seguinte itinerário:

Arega, Ourém, Leiria, Batalha, Alcobaça, e Caldas da Rainha, com paragem no Restaurante Aviação onde será servido o almoço. Segue-se tarde recreativa com música ao vivo, conjunto privativo, folclore, fanfarra, etc. Lanche e regresso por Rio Maior, Santarém, Torres Novas, Tomar e Arega

Aceitam-se inscrições até ao dia 13 de Julho, pessoalmente junto dos elementos habituais da ARCA ou através dos telefones (036) 34844 ou 36106, de preferência à noite.

O preço por pessoa é de 4500\$00, com almoço incluído.

Crianças dos 4 aos 9 anos pagam apenas 50%

Se estiver interessado reserve já o seu lugar e vamos fazer uma excursão diferente.

Como de costume, a ARCA reserva-se o direito de anular ou adiar a excursão, caso não haja excursionistas suficientes.

A ementa é a seguinte:

Ementa

- Pão caseiro de fabrico próprio
- Carnes frias
- Sopa da pedra
- Caldo verde
- Bacalhau assado no forno
- Vitela c/ arroz e legumes
- Doce
- Fruta
- Vinhos da região do Cartaxo
- Cerveja e refrigerantes
- Café
- Aguardente
- Lanche
- Creme de legumes
- + Surpresa, Filhós

DESPORTO

FUTEBOL

Desportiva de Figueiró sobe à «Honra» do «Distrital» de Leiria

Tal como já se sabia há muitas jornadas, a Desportiva regressa na próxima época ao escalão maior da A. F. Leiria, depois de ter vencido concludentemente a Zona Norte da 1.ª Divisão, com 81 pontos, 23 vitórias, 5 empates e 2 derrotas, 89 golos marcados e 15 sofridos (no último jogo disputado em casa, brindou a equipa de Ranha com 8-0!). A equipa da Praia da Vieira classificou-se em 2.º lugar, mas somente com 69 pontos, subindo igualmente à Divisão de Honra. Descem Boavista, Amieira, Mata Mourisca, Moita da Roda e Ranha. Da Zona Sul

da 1.ª Divisão sobem Caranguejeira e União da Serra, que ao longo do Campeonato protagonizaram uma luta interessante, terminando com 82 e 80 pontos, respectivamente. Embora em 2.º lugar na Zona, o União da Serra não conheceu a derrota.

À 3.ª Divisão nacional sobem o Portomossense e Nazarenos, com o 3.º classificado, o Gaieirense, a disputar a Taça de Portugal. O Alvaizere fez um bom final de época, vencendo no último jogo o Estrada por 3-0, e mantém-se na Divisão de Honra, sendo na próxima época, portanto, adversário da Desportiva.

JET SKI

Motas de água na Foz de Alge

No fim-de-semana de 20 e 21 de Maio as "motas de água" voltaram à Foz de Alge para a disputa da 2.ª prova do Campeonato Nacional de Jet Ski, numa altura em que a modalidade navegava um pouco em águas turvas, com os pilotos a dividirem-se entre a Federação de Jet Ski e a de Motonáutica. No sába-

do, 20, realizou-se uma reunião geral de pilotos e chegou-se a consenso, o que também contribuiu para que as provas decorressem com a espectacularidade do costume e com muito público a assistir, principalmente no domingo. O Clube Náutico de Figueiró prestou a sua colaboração, dentro das possibilidades.

AUTOMOBILISMO

Rota do Sol nas nossas estradas

Depois do Jet Ski veio o automobilismo, no fim-de-semana seguinte, com o rali Rota do Sol, que como é hábito por esta altura rodou a alta velocidade pela nossa estrada ribeirinha.

O Rota do Sol deste ano saldouse por grande polémica em relação aos regulamentos, o que levou a desclassificações sucessivas dos principais favoritos, ficando Paulo

Meireles no comando sem ninguém que pudesse fazer-lhe oposição. A polémica estalou por causa da utilização dos pneus, que segundo o regulamento têm de ser vistoriados e marcados antes de serem utilizados. Muitos pilotos trocaram de pneus, utilizando outros não marcados, sendo desclassificados, o que conduziu Meireles e o seu VW Golf G60 à vitória

BASQUETEBOL

Final nacional em Alvaizere

A fase final do Campeonato Nacional de juniores femininos, em basquetebol, decorre em Alvaizere no 1.º fim-de-semana de Junho, organizado pela Ass. de Basquetebol de Leiria, Federação da modalidade e colaboração da Câmara Municipal de

Alvaizere.

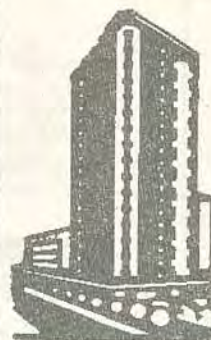
São quatro as equipas finalistas, a saber: Anadia, Propaganda de Natação, Algés e Escola de Santo André.

Uma boa forma de divulgar esta modalidade, numa região onde a sua implantação é pouco mais que nula.

FUNDADO EM 1952- RESTAURADO EM 1987
MAIS DE 40 ANOS A SERVIR OS SEUS CLIENTES



Gerência de Evaristo Borges e António Costa
AVENIDA DE PARIS, 4-B - TELFS. 848 66 51/848 08 38 - 1000 LISBOA



Almiro J. Silva, Lda.

CONSTRUÇÃO - ANDARES - PRÉDIOS

ESCRITÓRIO: AV. 5 DE OUTUBRO, 256, 3º, ESQ. - 1600 LISBOA
Telefs.: 795 29 94 - 793 45 28 - 942 33 77 - Fax: 795 29 96



VOZ d'AREGA

Registos no Min. da Justiça: publicação periódica
nº 117 450; empresa jornalística nº 217 449.

A. R. C. A.

AREGA — 3260 Figueiró dos Vinhos

Propriedade: Associação Recreativa e Cultural Areguense — Contribuinte nº 501078860.

Director: Almiro Antunes Morais.

Director-Adjunto: Pedro Alves Ferreira.

Colaboradores: Céu Coelho - D. Alice Baião Morais - Dina Morais Lopes - Drª Helena Serra Fernandes - Drª Irene Borges - Drª Paula Pinto Alves - Elsa Morais Lopes - Fernanda Morais - Sandra Henriques - "Tia Li" - Américo Silva Ferreira - António Teixeira Silva - Emídio Borges Gomes - Manuel Conceição Lopes - "Maroco" - Padre Anibal - Raul Henriques - Dr. Luís Serra Fernandes - Higinio Pires - MM - Manuela Baião - Isabel Martins.

Redacção: Filial em Lisboa — Trav. Limoeiros, A, r/c, dto., 1675 Famões - telf. 933 31 94.

Composição, montagem e impressão: Gráfica Abreu & Simões, Lda., Cabaços, 3250 Alvaizere.

Tiragem deste número: 2000 exemplares.

NOTA.— SE RECEBER TRÊS NÚMEROS DESTA JORNAL SEM OS TER PEDIDO E NÃO OS DEVOLVER, SERÁ AUTOMATICAMENTE CONSIDERADO(A) ASSINANTE